

Djonga inicia nova
turnê nacional no
palco da Fundação

PÁGINA 4



Confira o roteiro
dos blocos
neste carnaval

PÁGINAS 8, 9 E 10



Arpoador recebe
nesta sexta a festa
do Dia de Iemanjá

PÁGINA 6



2º CADERNO

O maior craque do Engenhão

Zeca Pagodinho celebra 65 anos de vida e 40 de carreira com show histórico repleto de convidados no Estádio Nilton Santos

Por **Affonso Nunes**

No último dia 12 de agosto Zeca Pagodinho entrou no gramado do Estádio Nilton Santos, o Engenhão, para cantar com a torcida do Botafogo uma das músicas que fazem sucesso na arquibancada. Isso aconteceu minutos antes da partida de seu clube de coração contra o Internacional (RS) na comemoração dos 119 anos do clube. Mas neste domingo, o alvinegro mais famoso de Xerém (e do Brasil!) volta ao estádio para comemorar seus 65 anos de vida e 40 de sucesso absoluto lembrando seus maiores sucessos

O show de Zeca marca a abertura da turnê nacional dos 40 anos de estrada e terá a participação de artistas de peso como Alcione, Seu Jorge, Jorge Aragão, Xande de Pilares, Iza, Diogo Nogueira, Djonga e Marcelo D2, entre outras surpresas. Eles se unirão ao sambista no palco, ampliando a celebração para além das fronteiras do samba.

A abertura do evento ficará por uma grande roda de samba comandada por Pretinho da Serinha. E esse show que promete ser histórico será registrado para ser lançado em formato de DVD. Depois do Engenhão, a turnê enacará a estrada com shows em São Paulo (21 e 22/6), Florianópolis (13/7), Campinas (27/7), Curitiba (24/8), Porto Alegre (31/8), Brasília (14/9), Salvador (5/10), Recife (19/10), Natal (25/10),



Belo Horizonte (23/11) e de 6 a 9 de dezembro no Navio Zeca Pagodinho - 40 Anos.

Zeca é, de forma incontestável, sinônimo de sucesso, o maior nome do samba na atualidade. Mas a fama não foi algo que ele perseguiu. Antes de ser trazido por Beth Carvalho para o centro dos holofotes, Zeca queria ser apenas compositor. Desprezava - e despreza até hoje - a cultura de celebridade, sejam as selfies ou os pedidos de autógrafa, que o impede de ter uma vida simples, algo que só consegue quando está na sua Xerém.

Com 14 ou 15 anos, Zeca diz, ele já escrevia. Nessa época, fez um poema no estilo acróstico com o nome da filha de uma vizinha, Alessandra, quando ela nasceu. Ouvia seresta e jovem guarda com a família, e era chamado de velho por gostar de sambas antigos de Elizabeth Cardoso.

Quería estudar instrumentos, mas desde a adolescência não pôde porque tinha que trabalhar - motivo pelo qual criou o Instituto Zeca Pagodinho, em que oferece aulas de música. Entrou de vez nesse universo quando conheceu Arlindo Cruz e passou a frequentar

rodas de samba, em especial a do Cacique de Ramos.

Antes do Cacique, diz Zeca, o samba da velha guarda era "reto". "Lá, [os instrumentistas] tocavam baixinho, para se ouvir quem estava cantando. Tinha muita gente, mas todo mundo tocava com disciplina e suavidade. Hoje em dia ficou tudo muito rápido, acelerado, não dá nem para ouvir a letra", atesta o bamba.

SERVIÇO

ZECA PAGODINHO - 40 ANOS

Engenhão - Estádio Nilton Santos (Rua José dos Reis, 425 - Engenho de Dentro) 4/2, a partir das 15h com roda de samba | Ingressos a partir de R\$ 50 + taxas no site <https://zecapagodinho40anos.com.br>

Memórias de quem foi Zeca Pagodinho por uma temporada

Ator, diretor e dramaturgo Gustavo Gasparani recorda o processo de como foi viver o sambista mais popular do Brasil em musical

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Era uma vez dois meninos. Um, nascido e criado na Zona Sul, que se descobre totalmente apaixonado por samba. O outro, nascido e criado no coração da Leopoldina, vê o samba participar desde sempre de sua vida. É do enorme talento desses dois personagens que nasce “Zeca Pagodinho, o Musical”, escrito, dirigido e interpretado por Gustavo Gasparani.

É a história da peça que une esse dois artistas, que resolvemos lembrar hoje como parte das comemorações dos 65 anos de Zeca Pagodinho e de seus 40 anos de carreira.

É Gustavo Gasparani, o autor, diretor e intérprete de Zeca adulto no palco, que nos conta como foi esse encontro com o maior cantor popular do Brasil.

“A minha voz é muito mais



Divulgação

Gustavo Gasparani conta que precisou cortar e pintar os cabelos, se bronzear e engordar um pouco para viver Zeca Pagodinho nos palcos

grave que a do Zeca, eu nunca quis imitar a voz. Eu imitava a divisão, o jeito de cantar, e realmente o jeito físico dele. Quando fui na casa dele, pela primeira vez, fui com a minha cara, o cabelo que eu estava usando na época, cabelo encaracolado, grisalho em certos lugares. O filho dele ficava me olhando e pensando ‘como você vai virar Zeca Pagodinho?’. Cortei o cabelo, pinteí, peguei mais sol, me deixei engordar um pouco mais. Aí, encontrei o filho dele, o Lui.

‘Pô, você tá muito parecido com o meu pai’. Um dia o Zeca chegou para mim e disse: ‘Cheguei lá no escritório e falei: eu tô bonito nas fotos. Era você, Gasparani’, conta o ator, diretor e dramaturgo.

“Ele é muito engraçado. A minha brincadeira era pegar a irreve-

“Acho ele um ser humano incrível. A preocupação com o outro, saber de sua força, de onde ele veio, sem nunca renegar sua origem”

Gustavo Gasparani

rência do Zeca e trazer para mim. Apesar de sermos diferentes, inclusive em estilo de vida. Eu sou todo natureza, todo regradinho em se tratando de comida. Tive

que destrambelhar, perder a rédea, me soltar. Tive que deixar a vida levar”, explica.

“Fazer o Zeca”, prossegue Gasparani, “era estar junto com Zeca, conhecer ele um pouco mais. Enfim, ele é uma figurinha. Acho ele um ser humano incrível realmente. A preocupação com outro, saber da sua força, de onde ele chegou, de onde ele veio, nunca renegar sua origem. Colocou a cultura suburbana no mapa do Brasil. Então foi isso que eu quis fazer. Depois o nome ficou o nome que eles queriam, mas o que eu queria, que eu escrevi na época, era a saga de um Zeca Pagodinho”.

Gasparani acredita que, ao se deparar com Zeca, escreveu a saga de “um herói suburbano”. “Porque o Zeca é esse homem do povo que venceu e que jamais largou as suas

origens e é um herói para o Brasil todo, todo mundo gosta do Zeca. Ele é muito genuíno em tudo o que ele faz, divide bem pra caramba, ótimo compositor, enfim, é um artista incrível e foi muito bacana eu viver esse personagem”, comenta.

Gasparani revela que na época em que encenava o espetáculo “Opereta Carioca” já era perseguido pela ideia de criar algo sobre o sambista. “Tive a ideia de estudar a obra do Zeca, de quem eu já gostava. Eu fazia dois números dele, com muito sucesso na peça. Quando acabei de estudar tudo, li no jornal que a Vitória Danne-mann tinha comprado os direitos. Desisti”, recorda.

Passado, uns três anos aproximadamente, a própria Vitória procura Gasparani para escrever a peça e outra pessoa para assinar a direção do espetáculo. “Passaram-se dois ou três anos e nada aconteceu. Sandro Chaim, o produtor, me ligou um dia e falou vamos fazer um trabalho sobre o Zeca Pagodinho. Disse que já existia esse projeto, que eu já havia escrito e o texto e que a produtora era a Vitória Danneman. Apresentei os dois e produziu-se, então, o musical”, conta.

De acordo com Gasparani, sugeriu que ele fizesse o Zeca adulto porque estava muito difícil de encontrar o ator, mesmo tendo testado muita gente. “Tínhamos encontrado um ator maravilhoso que é o Peter Brandão para fazer a parte jovem, o primeiro ato. Então Peter fazia o primeiro ato e depois eu faria o segundo ato. Foi uma temporada ótima. Uma pena que não ficou mais tempo. Eu queria ter feito teatros bem populares. Por questões de logística e falta de patrocínio não conseguimos. Duas vezes fizemos sessões de contrapartida. Na primeira música, o teatro inteiro já batia palmas. Uma sensacional. Era o espetáculo encontrando seu público”, empolga-se.

As contribuições de Zeca e Gustavo vão além de entreter o público. Mostrar as raízes do melhor de nossa cultura, ir aonde o povo está. Deixarem a vida nos levar à alegria e à felicidade que só os grandes artistas são capazes de fazer.

Um encontro de afetos

Os talentosos pernambucanos Almério e Martins se apresentam nesta sexta no Circo Voador

Por Affonso Nunes

Dois representantes da pujante cena musical pernambucana, Almério e Martins apresentam nesta sexta-feira (2) no palco do Circo Voador show com repertório do álbum homônimo. Os cantores e compositores mostram seus trabalhos autorais e interpretam canções de artistas que influenciaram (e ainda influenciam) suas carreiras, entre os quais o conterrâneo Alceu Valença e Caetano Veloso. Juliana Linhares

e Chico Chico fazem participações na noite que será aberta com show da também pernambucana Natasscha Falcão.

O show da dupla é sucesso desde o lançamento do álbum ao vivo, pelo selo Deck Disc, gravado na temporada de retomada pós-pandemia no final de 2021, no histórico Teatro do Parque, em Recife.

O espetáculo pode e deve ser encarado como um encontro afetivo, um abraço na alma do público. A voz potente de Almério e os timbres sutis de Martins formam uma



Ashlley Melo/Divulgação

Almerio e Martins, dois talentos da nova música de Pernambuco

colcha sonora sublime na forma de cantar o amor, a vida, o existir...

Martins conta que já tinha conhecimento do trabalho de Almério antes de conhecê-lo pessoalmente. “Um amigo disse que nossos trabalhos tinham a ver um com o outro e deixou um disco de Almério comi-

go. Recomendou que ouvisse a faixa ‘Além Homem’. Foi uma sensação arrebatadora e fiquei apaixonado pela voz e pelo texto de Almério”, conta o artista que vem galgando espaços no cenário nacional, sendo gravado por artistas como Paulo Neto, Isadora Melo e o próprio Almério, entre outros.

Martins diz que passou a ser um apreciador à distância do

trabalho de Almério mas que só viria a conhecê-lo na casa de um amigo em comum e que Almério estava montando repertório para um disco e lhe pediu uma canção. “Quando ele pegou o violão e cantou ‘Minha Alma’ eu fui transportado para outro lugar”, recorda Almério, que acabou usando “Eu Queria Ter Pra Te Dar” em seu álbum “Desempena” (2017).

Ganhador do Prêmio da Música Brasileira em 2018 na Categoria Cantor Revelação, Almério despontou na cena nacional com o álbum “Desempena” e concorreu ao Latin Grammy em 2020 com o álbum AcasoCasa, em parceria com Mariene de Castro. Seu trabalho mais recentemente é o álbum “Tudo é Amor”, em homenagem a Cazuza.

SERVIÇO

ALMÉRIO & MARTINS
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº) | 2/2, a partir das 20h
Ingressos a partir de R\$ 70

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Parceria

Belo e o Caju Pra Baixo apresentam neste domingo (4) a primeira edição do projeto “Belo & Caju Tudo A Ver”, criado pelos artistas, esquentando o pré-carnaval carioca. O evento, com início previsto para às 15h nos Jardins do MAM, contará com participações de Dapaz e Renato da Rocinha. “Estamos na contagem regressiva pra viver esse pré-carnaval, sacudindo, balançando e explodindo os corações cariocas num entardecer de tirar o fôlego”, convoca o grupo.

Aryanne Almeida/Divulgação



Trilhas da Fafá

Inspirada por sua live musical na pandemia, Fafá de Belém lança a turnê de shows com repertório de temas românticos de novelas por ela gravados. “A live nasceu da necessidade que senti de comunicação entre as pessoas com mais de 60 anos que estavam presas em casa. Vi acontecer muita coisa para gente jovem, mas eu não me sentia representada por aqueles shows virtuais”, conta Fafá, que se apresenta nesta sexta-feira (2), às 21h, no Vivo Rio.

Divulgação



É o Monobloco

Nos dias 2 e 9 deste mês a Fundação Progresso recebe o Monobloco para os ensaios abertos, com convidados especiais a cada noite. Um dos maiores blocos do carnaval carioca, a bateria com mais de 140 batuqueiros lidera a festa pré-carnaval já tradicional na Casa de Todas as Tribos. Nascido em 2000 para resgatar o movimento dos blocos de rua, o Monobloco começou com uma pequena oficina que ensinava batucada.

Divulgação

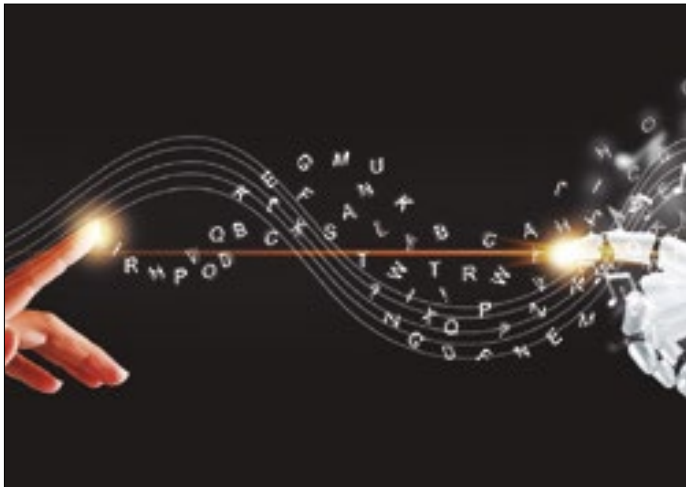


Multilinguagem

O cantor e compositor Almir Charratti faz neste sábado (3), a partir das 17h, no Centro da Música Carioca Artur da Távola, na Tijuca, um show multilinguagem no qual a música é o fio condutor que leva à poesia e dança. Será uma narrativa musical não-linear, com intervenções de poemas, danças e performances. O show contará com participação do poeta Tom Grito e da bailarina Gabriela BlackBarbie. Entrada franca.

CORREIO CULTURAL

Reprodução



O uso da IA nas músicas afeta compositores

IA vai causar perdas de até R\$ 14 bi a compositores, diz estudo

Em apenas cinco anos entre 2023 e 2028, compositores terão uma perda de € 2,7 bilhões (R\$ 14,5 bi) por conta da expansão da inteligência artificial generativa aplicada à criação musical. Esta é uma das conclusões de estudo elaborado pela consultoria Goldmedia a pedido de duas das principais sociedades de gestão coletiva do planeta,

Sacem (França) e Gema (Alemanha).

Com dados de todo o mundo, o trabalho prevê uma expansão anual de 60% no total de canções criadas por máquinas, sem interferência humana, que poderão gerar receitas de € 3,1 bilhões (R\$ 16,66 bi) somente em 2028 — sem qualquer benefício para compositores humanos.

Zero mágoa

Margot Robbie se pronunciou pela primeira vez sobre não ter sido indicado ao Oscar 2024. A protagonista de “Barbie” disse não ter motivos para ficar triste, já que a produção concorre em sete categorias na maior premiação do cinema mundial.

Zero mágoa II

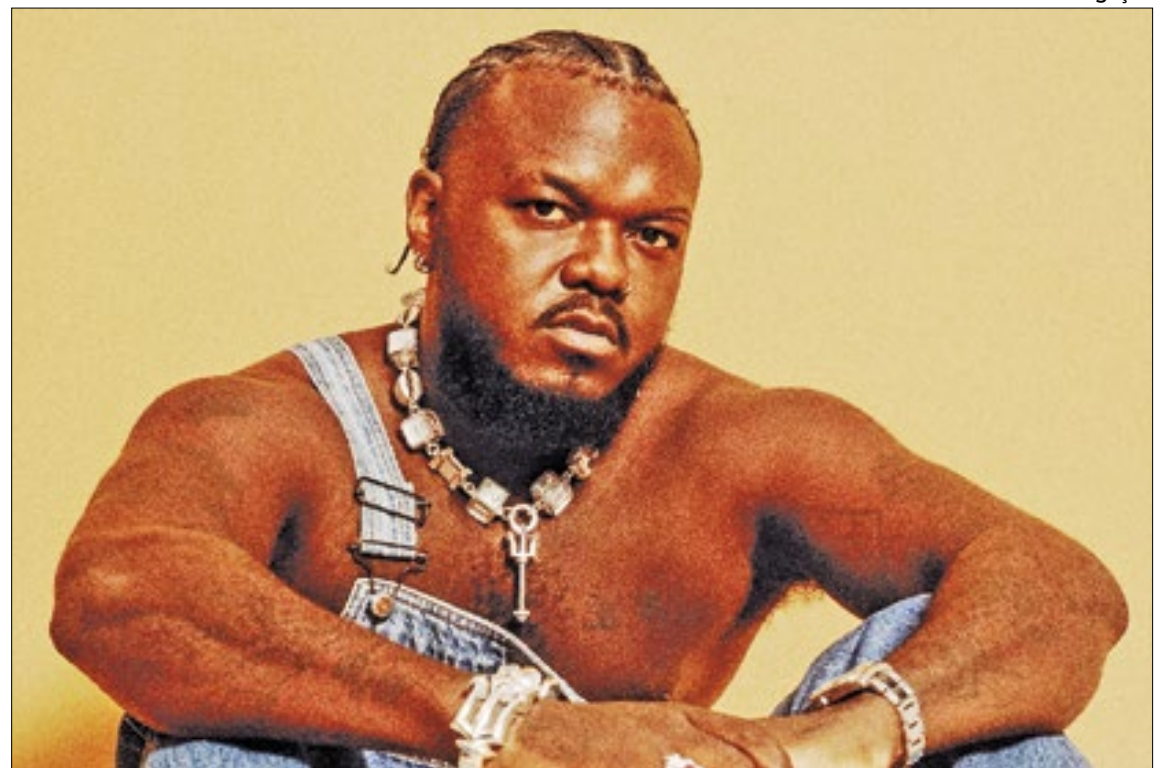
No entanto, a atriz estranhou que a diretora Greta Gerwig também não tenha sido indicada. “Obviamente, acho que Greta deveria ser indicada como diretora. O que ela fez foi algo que só acontece uma vez na carreira, uma vez na vida”, queixou-se.

Reprise

A Globo decidiu reprisar, pela segunda vez, a novela “Cheias de Charme” (2012). Protagonizada por Tais Araújo, Leandra Leal e Isabelle Drummond, a trama será exibida após o Jornal Hoje, substituindo “Mulheres de Areia”, exibida em 1993.

Campanha

Mais de mil artistas assinaram carta aberta pedindo que Israel não participe do Eurovision, maior competição musical televisionada do mundo. O festival revelou nomes como Abba, Celine Dion, Domenico Modugno e será sediado na Suécia este ano.



Djonga: ‘Eu amo o que a cultura do rap se tornou’

Djonga em formato de autoconhecimento

Rapper mineiro abre turnê ‘Inocente Demotape’ na Fundição Progresso

Um dos maiores expoentes atuais do rap no Brasil, Djonga chega à Fundição Progresso neste sábado (3) para apresentar a turnê “Inocente Demotape” pela primeira vez no Rio. O artista traz ao palco as músicas de “Inocente”, seu sétimo álbum, descrito como um manifesto de um processo pessoal de autoconhecimento e de descoberta.

Os fãs cariocas poderão conferir no palco, uma cenografia produzida nos mínimos detalhes, que replica o universo do

álbum. Combinada a efeitos visuais de última geração e um corpo de dança, tem-se a atmosfera imersiva perfeita que Djonga deseja para provocar sensações e fazer os fãs viverem uma verdadeira catarse com um repertório que mescla as músicas do lançamento com os maiores sucessos de sua carreira.

Com ingressos esgotados, a passagem por Belo Horizonte foi histórica. Djonga levou o público à loucura com balé completo, cenografia, luzes e atrações especiais. Para o show no Rio de Janeiro não será diferente. A abertura fica por conta de Iza Sabino, Laura Sette e Lisboa — que também estão entre as participações junto com Filipe Ret, BK, Dougnow e Zulu.

O artista fala sobre a expectativa de cantar para o seu público durante a turnê, e destaca a importância do rap estar presente em grandes eventos. “Eu amo o que a cultura do rap se tornou,

é importante em vários aspectos, do midiático ao financeiro, eu digo sobre estar presente em grandes festivais o ano todo, mas eu ‘tô’ com saudades de trocar aquela energia mais íntima com meus fãs, cantar as nossas músicas, as mais lado A e as mais lado B. O resto, a parte que impressiona, só indo lá pra ver”, convida Djonga.

Com a melhor estreia dos últimos tempos do Spotify Brasil, ocupando o Top 12 dos álbuns mais ouvidos no país e acumulando 50 milhões de streams em apenas 60 dias, chegou a hora de dar vida à “Inocente” em um show que levará o público em uma viagem sensorial lúdica pelas oito faixas da Demotape.

SERVIÇO DJONGA

Fundição Progresso (Rua dos Arcos, 24 – Lapa)
3/2, a partir das 21h30
Ingressos:

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha

Paulo-Roberto Andel

Oi, Carnaval

Carnaval já é. Ok, não parece? Tem certeza? O silêncio lá fora não rima com a festa da folia?

Tudo bem que nessa tarde quente, estou escutando meu herói David Gilmour berrar “Shine on You Crazy Diamond”, o clássico de “Wish You Were Here”, desta vez numa pérola do CD “The Later Years”. O tempo não espera. Dia desses Gilmour disse que prefere “Wish You Were Here” a “Dark Side of the Moon”. Quem sou eu para contestá-lo? Gosto dos dois. Gilmour é de 1946, e está à beira dos 78 anos. Eu o conheci com 36. Pink Floyd de lado, mas já é carnaval?

Espio pela janela da loja e quase não há carros. Os pedestres desapareceram de vez e o fim de janeiro é absolutamente silencioso no Centro do Rio, já tão sofrido pelos últimos anos. Agora, silencioso durante os chamados dias úteis, porque os finais de semana têm atraído multidões para a região, naturalmente por causa dos blocos comandados por aviões como Lexa e grande elenco. É gente pra todo lado.

Já é carnaval. A rua tem uma certa cara de feriado emendado. Na praça Tiradentes, policiais e pessoas em situação de rua convivem pacificamente debaixo da mesma sombra de árvore, bem perto do primeiro ponto de ônibus. O calorão é de derreter.

No fundo, no fundo, todos estão esperando chegar a grande festa de vez. E logo me lembro de Bola, o mitológico Rei Momo dos anos 1990, com toda a sua irreverência e carisma. Morreu jovem, uma pena. Certa vez o vi na Rua de Santana e gritei do outro lado da rua: “Bola, um deus”. Sorridente, ele começou a fazer evoluções e

saudações. Um lorde como não se faz mais.

Samba, alegria, beleza, sensualidade, diversão, sexo, a magia indescritível do desfile das escolas de samba, os bailes que ainda sobrevivem, os blocos que viraram uma febre de vez pelas ruas cariocas. O bicho pega, literalmente. Melhor dizendo, o bicho manda.

Lá vêm turistas de toda parte, encantados, se divertindo a valer, preferencialmente sem nada de grave acontecer, como às vezes acontece nessa cidade turbulenta.

O Carnaval tem uma força que nem o futebol consegue. Quando ele está a caminho, tudo fica aos pés, ao seu entorno, nada pode ultrapassá-lo. O futebol, não: tem uma grande decisão no domingo, segunda-feira a vida segue. No Carnaval, amigo, vinte dias antes da festa já tá todo mundo em ritmo de pressão e é natural que seja assim, especialmente para quem trabalha no desfile do Sambódromo. É o serviço e o esforço de um ano inteiro que está em jogo em 50 ou 60 minutos.

Duas e meia da tarde. Timidamente houve algum movimento na rua. Um carro da polícia toca a sirene para nada, apenas passar o sinal. Não há sequer potenciais presos aqui na rua vazia.

Off Carnaval, só mesmo David Gilmour cantando, desta vez com doçura, “Us and them”. É de longe, da turnê “Delicate sound of thunder”, 1989. Tempos de Luciene, Martha Rocha, Danielle e Alessandra. Comecinho de faculdade. Como meu diploma se encaminha para 30 anos, temos a certeza do tempo implacável. Tudo bem. Vivamos. O Carnaval está aí, com seu presente e passado.

Eu quero ser o primeiro a saudar Iemanjá

Arpoador recebe festejos em honra da Rainha do Mar com samba, jongo, afoxé e gastronomia

Divulgação



Os festejos de Iemanjá no Brasil remontam ao século 19

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Dia 2 de fevereiro, dia de festa do mar, como já cantava o mestre Dorival Caymmi. Essa data ela é muito importante em várias culturas, desde tempos imemoriais. É o primeiro dia da sétima semana, após o equinócio de inverno, prenúncio de possível primavera. Nos Estados Unidos, virou Dia da Marmota. Para os católicos também marca a comemoração da apresentação de Jesus ao Templo. E no Brasil, com seu sincretismo, se comemora Nossa Senhora de Santanna e Iemanjá.

A tradição remonta ao século 19 quando os pescadores se dirigiam, na Praia do Rio Vermelho, em Salvador, para fazer uma romaria no mar para Nossa Senhora da Ajuda. Em 1923, passaram a ofertar presentes

para Iemanjá, pedindo boas pescarias. Ainda hoje, a festa de 2 de fevereiro é uma das nossas maiores manifestações populares, levando centenas de milhares de pessoas a levarem os presentes: alfazema e flores.

No Rio, as comemorações acontecem no Arpoador com um evento, totalmente gratuito, vai das 15h às 22h, reunindo atrações como Samba de Criolo, Nina Rosa, Ogan Bangbala, Afoxé Filhas de Ghandy, Jongo do Vale do Café, Tião Casemiro, Ogan Kotoquinho, Pai Dário, Companhia de Aruanda, Orin Dudu, Iza Diordi, Ilê Axé Onixêgum e o músico Marcos André, idealizador desta celebração. Também vai ter a Feira Crespa, que vai levar gastronomia (acarajé), roupas e acessórios.

“A festa carioca para Iemanjá era uma tradição antiga inventada pelos terreiros nas areias da Zona Sul, liderada pelo célebre pai de santo e

sambista Tatá Tancredo em 31 de dezembro, dia de Iemanjá na umbanda. Poucos sabem que essa foi a origem do costume de passarmos a virada do ano na praia - o que acabou se tornando a maior festa de rua do mundo, assim como a prática de vestir branco, jogar flores no mar e pular sete ondas”, diz Marcos André, que mobilizou cerca de 120 mestres, entre líderes religiosos, artistas e filhos de santo, todos integrantes da rede de comunidades tradicionais que ele coordena em Madureira e em quilombos do Estado do Rio.

A parte gastronômica da festa será da Feira Crespa, uma ação afirmativa itinerante que tem como objetivos principais a valorização da mulher negra, o fortalecimento de afroempreendedores e o aumento do repertório dos participantes sobre a cultura afro-brasileira e sua história. O projeto traz o eixo econômico juntamente com o social e cultural, além da feira de afroempreendedorismo.

Aos 104 anos, o Mestre Bangbala - Ogan mais antigo do país em atividade e patrono do Dia de Iemanjá no Arpoador, vai conduzir o encontro, junto com Pai Dário, descendente da Casa Branca, primeira casa de candomblé do Brasil e um dos líderes do jongo do Morro da Serrinha.

Todas as oferendas do ritual serão biodegradáveis. Pede-se ao público que não leve plástico, vidro ou madeira. É uma saudação à Rainha do Mar, à sua morada e às forças da natureza. Somente flores e frutas serão oferecidas nas águas” Ao final, o público será convidado para um mutirão de limpeza das areias, calçada e pedra do Arpoador.

“Essa celebração é um resgate e reconhecimento da história do Tatá Tancredo. Fico feliz de colaborar para devolver esse espaço no coração da Zona Sul para o povo de santo”, completa Marcos André. E dizemos Odoyá, a palavra de Yemanjá. Que a Rainha do Mar nos proteja a todos.

SERVIÇO

DIA DE IEMANJÁ
Praia do Arpoador
2/2, a partir das 15h
Entrada franca

Sonoridade chique feita na Baixada

Yoùn mostra as canções do novo álbum, 'Unicórnio', no Blue Note Rio

A dupla carioca Yoùn, formada por Shuna e GP, apresenta no Blue Note Rio o disco "Unicórnio". No repertório, o grupo experimenta diferentes sonoridades usando como metáfora criaturas mitológicas. O Yoùn une R&B, rap, jazz, soul, trap e ritmos urbanos brasileiros, incorporando ao novo material outras camadas para surpreender seu público.

Com 11 faixas, "Unicórnio" traz as participações especiais de Carlos do Complexo, Tuyo, Rashid, King Saints, Sango, Wax Roof, Zamba, Pivet Panda, Duquesa, Ajuliacosta, Luccas Car-

los e Zudizilla.

"Acho que o Yoùn está começando a entender quais são suas prateleiras porque conseguimos fazer música desde o R&B mais alegre possível até a MPB mais sutil e elegante. Estar com um instrumento na mão ou com uma machine não é um problema, sempre nos adaptamos. Então, Yoùn se encaixa em R&B, MPB, hip hop e música preta em geral de uma forma muito natural, porque estamos conseguindo fazer música boa. Temos qualidade para fazer coisas diferentes, talento para fazer música e arte no geral e sempre tentamos trazer cli-



Divulgação

Formados musicalmente na igreja, Shuna e GP começaram a tocar em vagões de trem e metrô antes de gravarem o primeiro álbum

pes legais e bem elaborados, além de um visual que faz com que as pessoas entendam o Yoùn como algo chique", comentou

GP ao site Tenho Mais Discos que Amigos por ocasião do lançamento de "Unicórnio".

Om álbum fala sobre o lugar de pertencimento e aceitação, da escolha de fazer arte sendo preto e periférico que, sabidamente, é

um desafio constante para esses artistas.

Com formação musical iniciada na igreja, Shuna e GP começaram a se apresentar nos trens da Supervia do ramal Japeri entre as estações de Nova Iguaçu e Central do Brasil, indo da Baixada Fluminense ao Centro do Rio. No transporte público da cidade, a dupla também mostrava sua arte entre as viagens

do metrô na estação da Carioca. "BXD in Jazz", o trabalho de estreia da dupla, foi muito bem recebido pela crítica.

SERVIÇO

YOÛN - UNICÓRNIO

2/2, às 22h

Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910 - Copacabana)
Ingressos a partir de R\$ 60

CRÍTICA / DISCO / VIVER GONZAGUINHA - OS SAMBAS DO MORRO DE SÃO CARLOS

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de "Viver Gonzaguinha - Os Sambas do Morro de São Carlos" (Selo Sesc), um álbum do grande Sombrinha, ele que, ao lado de Xande de Pilares, Dudu Nobre, Zeca Pagodinho, Teresa Cristina, Alcione, Almir Guineto, Marquinhos PQD, Sombra, Alcione e Péricles, dentre outros, integra a seleção brasileira do samba carioca.

Compositor, sambista, pagodeiro, violonista, banjoísta, cavaquinista e bandolinista, Montgomery Ferreira Nunis, mais conhecido como Sombrinha, é fundador do grupo Fundo de Quintal. Nascido em São Vicente (SP) em 1959, mudou-se para o Rio em 1975. Ao lançar o seu primeiro disco em 1993, quando gravou o sucesso "Amor Não é Por Ai", ganhou o Prêmio Sharp, na categoria

Gonzaguinha revive na voz de Sombrinha e seus convidados

Revelação Masculina.

Em 1996, formou dupla com Arlindo Cruz lançando o álbum "Da Música". Já no ano seguinte gravaram outro disco, "O Samba é a Nossa Cara", cuja música-título, de Luizinho SP, fez enorme sucesso.

Devo dizer que me aprofundi no trabalho de Sombrinha através do contrabaixista João Faria. Filho de Ruy Faria, do MPB4, e de Cynara Faria, do Quarteto em Cy, Joãozinho, que já gravou e fez shows com ele (e com outros sambas do samba, como Dudu, Zeca e Diogo Nogueira), apontou-me as qualidades de Sombrinha, sambista que tem a verve carioca - não resta dúvida de que Sombrinha é um ca-



Divulgação

rioca de direito e de fato.

Mas voltemos a "Viver Gonzaguinha". A partir do projeto, concebido e produzido por Jair Netto e Carmo Lima, catorze músicas do "Menino de São Carlos" são reinterpretadas pela picardia de Sombrinha. Segundo os produtores, o samba é um dos

pilares da obra de Gonzaguinha. Dito e feito! Com participações de Martinho da Vila, Elba Ramalho, Crioulo, Larissa Luz, Vidal Assis, Yvison Pessoa e Zélia Duncan, e contando com a boa direção musical de Carlinhos 7 Cordas, o trabalho já vem rolando desde 2019.

Destaque para sucessos de Gonzaga Jr., como "Lindo Lago do Amor" (<https://youtu.be/udUaBocFLOQ?si=YGZ7kDrU-HXYpYKg>) num arranjo criativo cantado por Sombrinha e Crioulo - como canta esse cara, meu Deus); "Recado" (cantado por Sombrinha e Zélia Duncan); "Espere Por Mim, Morena" (por Sombrinha e Vidal Assis); e "O

Que É o Que É" (com Sombrinha e Larissa Cruz). Há também outros cantados de forma brilhante apenas por Sombrinha, como "E Vamos à Luta", "Com a Perna no Mundo" (<https://youtu.be/udUaBocFLOQ?si=YGZ7kDrU-HXYpYKg>), "Comportamento Geral" e "Comerçaria Tudo Outra Vez".

Ótimos instrumentistas brilham nos sopros, na bateria, nos instrumentos de harmonia, no coro e na percussão. Mas na percussão senti falta dos instrumentos mais graves, como os surdos de marcação, de segunda e de terceira - estão presentes, mas sem tanta presença.

Contudo, louvo o disco que deu a oportunidade que Sombrinha merece para arrebentar. E ele foi fundo: seu timbre de voz, seu suingue e seus convidados deram fluidez aos sambas do grande compositor que é Luiz Gonzaga Junior. *Vocalista do MPB4 e escritor

SEXTA - 2/2**CENTRO**

*Molha o Pé das Oito (Rua da Quitanda, 19), a partir das 17h

*Leão da Pedra (Rua Rêgo Barros, 86, Santo Cristo), a partir das 17h

*Chroma Aqui na Minha Mão (Rua do Rezende, 10, Lapa), a partir das 18h

*Badalo de Santa Teresa (Largo dos Neves, 412), a partir das 18h

*Ensaio do Monobloco - Bateria Completa (Fundição Progresso - Rua dos Arcos, 24, Lapa), a partir das 21h30. R\$ 120

ZONA SUL

*Inova Que Eu Gosto (Praia do Flamengo, 200), a partir das 18h

*Virtual (Praça Almirante Júlio de Noronha, 86, Leme), a partir das 19h

TIJUCA

*Bloco Rolado (Praça Niterói, 17, Maracanã), a partir das 18h

BARRA DA TIJUCA

*Pré-Carnaval do BarraShopping - Fogo e Paixão (Parque Externo - Av. das Américas, 4666), a partir das 19h

ZONA NORTE

*Discípulos de Oswaldo (Largo do Amorim, Manguinhos), a partir das 17h

ZONA OESTE

*Zona Mental (Rua Sidnei, 96, Bangu), a partir das 16h

SÁBADO - 3/2**CENTRO**

*Céu na Terra (Rua Almirante Alexandrino, Santa Teresa), a partir das 7h

*Estratégia (Largo São Francisco de Paula, Centro), a partir das 8h

*Bloco da Balanço (Rua dos Arcos, 24, Lapa), a partir das 8h

*Pérola da Guanabara (Ilha de Paquetá), a partir das 12h

*Ninho das Cobras (Largo São Francisco da Prinha, 4, Praça Mauá), a partir das 13h



Botando o BLOCO NA RUA

Veja os principais blocos do carnaval de rua carioca

*GRBC da Saara (Rua Buenos Aires, s/nº), a partir das 13h

*Bloco na Pedra do Sal (Rua Argemiro Bulcão, Saúde), a partir das 14h

*Batuke da Ciata (Rua Tia Ciata, 19, Saúde), a partir das 15h

*Pinto Sarado (Travessa Sara, 64, Santo Cristo), a partir das 16h

*Ensaio Bloco Aconteceu (Rua Monte Aconteceu, 337, Santa Teresa), a partir das 17h

*Bloco do Rock (Praça Tiradentes, Centro), a partir das 17h

*Associação Recreativa Come e Dorme (Rua Cerqueira, 72, Paquetá), a partir das 17h

*Eu Amo a Lapa (Praça Cardeal Câmara, 71), a partir das 17h

*Carmelitas - Ensaio (Praça Tiradentes), a partir das 18h

ZONA SUL

*Infantil Sá Pereira (Rua Capistrano de Abreu, 29, Botafogo), a partir das 8h

*Só o Cume Interessa (Praça General Tibúrcio, Urca), a partir das 10h

*Xupa Mas Não Baba (Praça General Tibúrcio, Urca), a partir das 10h

*O SUS Resiste, Eu Não (Rua Alice, Laranjeiras), a partir das 12h

*Simpatia É Quase Amor (Rua Teixeira de Melo, 37, Ipanema), a partir das 14h

*Banda Bandida (Praça Manoel Campos da Paz, s/nº, Copacabana), a partir das 14h

Luciôla Villela/Riotur



Fernando Maia/Riotur



Luciôla Villela/Riotur



Luciôla Villela/Riotur



*Bloco da Mamadeira - infantil (Redondo do Parque General Leandro atrás da Rua Lauro Muller, 66, Botafogo), a partir das 16h

*Ih, é Carnaval! (Av. Pasteur, 250, Urca), a partir das 16h

TIJUCA

*Minibloco - Infantil (Praça Xavier de Brito, 18), a partir das 8h

*Tijuca para Cães (Praça Saens Peña), a partir das 9h

*Urubuzada (Rua Campos Sales, 67A), a

partir das 11h

*Seu Lagarto Mama (Praça Niterói, 17, Maracanã), a partir das 12h

*Bloco Minha Raiz (Rua Visconde de Itamarati, 42, Maracanã), a partir das 14h

*Cordão da Tia Juca (Praça Saens Peña, 344), a partir das 14h

*Banda de Vila Isabel (Boulevard 28 de Setembro, 240, Vila Isabel), a partir das 15h

*Banda Haddock (Rua Campos Sales,

10), a partir das 15h

*Teimosos do Maracanã (Rua Campos Sales, 10), a partir das 15h

*Já Comi Pior Pagando (Rua Leite de Abreu, 14), a partir das 16h

*Banda do Tijuca Tênis Clube (Rua Abelardo Chacrinha Barbosa, 76), a partir das 17h

*Afoxé - om - O - Ifá (Praça Barão de Drumond, Vila Isabel), a partir das 17h

BARRA/JACAREPAGUÁ

*Mulecada Espigonense (Estrada dos Bandeirantes, 8325, Camorim), a partir das 10h

*Lavou Tá Limpo (Rua Cândido Benício, 2235, Praça Seca), a partir das 12h

*Amigos da Barra (Av. Lúcio Costa, 3800, Barra da Tijuca), a partir das 13h

*Bloco Fla Master (Av. Lúcio Costa, 3360, próximo ao Posto 5, Barra da Tijuca), a partir das 13h

*Tô na Bola Mas Tô Feliz (Rua Primeiro de Maio, 5, Curicica), a partir das 13h

*Parei de Beber, Não de Mentir (Rua Mandina, Praça do Bandolim, Curicica), a partir das 15h

*Pré-Carnaval do BarraShopping - Gigantes da Lira - Infantil (Parque Externo - Av. das Américas, 4666), a partir das 15h

ILHA DO GOVERNADOR

*Esporte Clube Jardim Guanabara (Praça Jerusalém, 39), a partir das 10h

*Ilha Encosta (Praça Jerusalém, 33), a partir das 12h

*Banda da Praia da Bica (Av. Almirante Alves Câmara Júnior, 1191), a partir das 14h

ZONA NORTE

*Confraria da Bebidinha (Travessa Coari, 6, Abolição), a partir das 12h

*Bloco Alegria do Sapê (Rua Camorimpim, 188, Bento Ribeiro), a partir das 14h

*Bloco Bunda Rachada (Rua Romero Zander, 358, Ramos), a partir das 14h

*Bloco Calma Amor (Rua Fernandes Gusmão, 354, Irajá), a partir das 16h

*Bloco Serrote Afiado (Rua Mario Ferreira, 217, Engenho da Rainha), a partir das 16h

*Fuzuê... Só Alegria Pra Você!!! (Rua Tamiarana, 4, Higienópolis), a partir das 16h

*Vitória na Guerra de Rocha Miranda (Rua dos Rubis, 125, Rocha Miranda), a partir das 16h

*Amigos da Esquina (Rua Pernambuco, Engenho de Dentro), a partir das 17h

Botando o **BLOCO NA RUA** Veja os principais blocos do carnaval de rua carioca

SÁBADO - 3/2

ZONA OESTE

- *Bloco da Sorveteria (Rua Barros de Alarcão, 370, Pedra de Guaratiba), a partir das 16h
- *Bloco do Balde Sulacap (Rua Antônio de Mendonça, Jardim Sulacap), a partir das 16h
- *Bloco H Romeu Pinto (Rua Carumbé, 225A, Realengo), a partir das 16h
- *GRBC Concentra Mas Não Sai (Rua Paranabi, 150, Sepetiba), a partir das 16h

DOMINGO - 4/2

CENTRO

- *Cordão do Boitotá (Rua da Assembleia, 40A), a partir das 7h
 - *Bloco da Preta (Av. Pres. Antônio Carlos, 1), a partir das 7h
 - *Fogo e Paixão (Largo São Francisco de Paula), a partir das 8h
 - *Lambabloco (Praça dos Estivadores, 64), a partir das 8h
 - *Bloco na Pedra do Sal (Rua Argemiro Bulcão, Saúde), a partir das 14h
 - *Morena do Dom (Rua André Cavalcanti, 44), a partir das 15h
 - *Foliões da Prainha (Rua São Francisco de Paula, 43, Saúde), a partir das 16h
- ### ZONA SUL
- *Blocão de Copacabana (Posto 6, Copacabana), a partir das 8h
 - *Suvaco de Cristo (Em frente ao Bar Joia, Rua Jardim Botânico com a Faro, Jardim Botânico), a partir das 8h
 - *Gigantes da Lira - Infantil (Praça Jardim Laranjeiras, Rua



Alex Ferro/Riotur

Multidão toma conta da Primeiro de Março

General Glicério, Laranjeiras), a partir das 9h

*Empolga às 9 (Av. Vieira Souto, 370, Posto 9, Ipanema), a partir das 10h

*Quem Num Guenta Bebe Água (Rua Gago Coutinho, 37, Laranjeiras), a partir das 12h

*Chaleira do Vidigal (Av. Delfim Moreira, 25, Leblon), a partir das 13h

*Foliões da Abraces (Rua Constante Ramos com Domingos Ferreira, Copacabana), a partir das 14h

*Tá Pirando, Pirado, Pirou! (Av. Pasteur, 404, Urca), a partir das 14h

*Larga Onça, Alfredo (Rua Ipiranga, 49, Laranjeiras), a partir das 16h

TIJUCA

*Vai Tomar no Grajaú (Av. En-

genheiro Richard, 112, Grajaú), a partir das 10h

*Rodopiando No Tombo do Copo (Bar Papo Carioca, Rua Citiso, 38, Rio Comprido), a partir das 12h

*No Rabo do Pavão (Rua 24 de Maio, 527, Riachuelo), a partir das 12h

*Eu Choro Curto Mas Rio Comprido (Rua Aristides Lobo, Rio Comprido), a partir das 13h

*Banda Cultural do Jiló (Rua Pinto de Figueiredo, 26A, Tijuca), a partir das 14h

*Banda da Zulmira (Rua Dona Zulmira, 45, Maracanã), a partir das 14h

*Sementes do Amanhã - infantil (Boulevard 28 de Setembro, 386, Vila Isabel), a partir das 15h

*Cata Latas do Grajaú (Praça Nobel, 14, Grajaú), a partir das 16h

BARRA/VALQUEIRE

*Acorda e Vem Brincar (Rua das Dálidas, 137, Valqueire), a partir das 10h

*Banda da Barra (Av. Lúcio Costa, 3646, Barra), a partir das 12h

*Pré-Carnaval do BarraShopping - Hora do Blec - Infantil (Parque Externo - Av. das Américas, 4666 - Barra da Tijuca), a partir das 15h

*Pré-Carnaval do BarraShopping - AfroReggae (Parque Externo - Av. das Américas, 4666), a partir das 19h

ILHA DO GOVERNADOR

*Bailinho do Capitão Trombeta (Praça Iaiá Garcia, s/nº, Ribeira), a partir das 7h

*Unido da Ribeira (Praça Iaiá Garcia, s/nº, Ribeira), a partir das 12h

ZONA NORTE

*Me Perco na Reta Me Acho Na Curva (Praça Agripino Grieco, Méier), a partir das 10h

*Batuke Imperial Samba Show (Alameda das Sapucaias, São Cristóvão), a partir das 12h

*Timoneiros da Viola (Praça Paulo da Portela, Oswaldo Cruz), a partir das 12h

*Bloco dos Segretos (Rua do Parque Madureira, Rocha Miranda), a partir das 14h

*Fala Bobagem (Praça Paulo Setúbal, 50, em frente ao 108, Vila da Penha), a partir das 14h

*Unidos do Engenho de Dentro (Rua Adolfo Bergamini, 326, Eng. de Dentro), a partir das 14h

*Xodó da Piedade (Rua Mário Carpenter, 1576, Piedade), a partir das 16h

ZONA OESTE

*Panela da Folia (Rua Belisário de Sousa, 512, Realengo), a partir das 13h

*Tamo Junto in Folia (Rua F Ipaí, 171, Bangu), a partir das 16h

QUARTA-FEIRA - 7/2

ZONA NORTE

*Banda do Tio Marco - infantil (Rua Pôrto Valter, 2, Quintino), a partir das 20h

QUINTA-FEIRA - 8/2

CENTRO

*Banda da Rua do Mercado (Rua do Mercado, 9, Centro), a partir das 17h

*Bloco dus Impussivi (Av. Chile, 65), a partir das 18h

ZONA NORTE

*Loucura Suburbana (Rua Ramiro Magalhães, 521, Engenho de Dentro), a partir das 16h

CRÍTICA / TEATRO / SOBREVIVENTE

Além do presente

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Desde que damos conta de nós, que pensamos, começamos querer a entender o que somos, o que fazemos, para onde vamos. A pergunta central é, na verdade, de onde viemos, qual a nossa origem, porque somos assim. E na outra face da mesma moeda é o que deixaremos, qual a nossa herança, como sobreviveremos nas memórias, nos afetos e no corpo de nossos descendentes.

“Sobrevivente” é capaz de colocar todas essas questões em um balaio, ir puxando os fios e obter um resultado que não responde às nossas inquietações, mas consegue nos refletir. Ponto para a peça.

Nena Inoue, vencedora do Prêmio Shell 2019, é uma esplêndida contadora de história, atributo que poucos performers possuem. Desafia primeiro sobre o seu nascimento, sua



Divulgação

‘Sobrevivente’ é uma peça de mulheres contada por mulher

mista composição familiar. Do lado paterno, uma família tradicionalíssima japonesa. A fuga de seus pais para a Argentina e suas vicissitudes nos lembra os clássicos mitos de que para se nascer é preciso se ausentar, fugir. Esse já é o primeiro jogo da dramaturgia de Henrique Fontes que nos coloca em um caminho e, inesperadamente, nos dá um cavalo de pau.

É uma peça de mulheres, contada por mulher, para ver a sua relação com outras mulheres, sobretudo com a avó materna, a quem jamais conheceu. Mas quem está no palco é o filho da atriz Pedro que funciona como um grilo falante. Um duplo crítico que fala inter-vém, ironiza, briga, canta (e muito bem), toca a esperta trilha sonora. Ai a platéia pode pen-

sar: mas Inoue não procura a avó? Sim, mas de uma forma especular do jogo ascendência/descendência.

As imagens projetadas é como estivéssemos em uma sala e uma amiga querida ir nos mostrando suas lembranças, seu passado, as surpresas e as indagações que toda visita ao passado nos traz, desbotadas e fora de foco como ficam a maioria das fotos.

De procura em procura, pergunta em pergunta, o quadro que se vai montando - Inouê faz na busca do tempo perdido, se sua avó materna seria indígena – nos leva a pensar: será que meus netos, bisnetos irão querer saber quem fomos. Será que esse filho que está aqui, agora será capaz de nos fazer sobreviver na lembranças de seus filhos? Será que somos capazes de sobreviver na importância dos afetos? Inouê nos diz que sim. Termina a partida com uma goleada, três sets a zero. Sobrevivemos todos.

SERVIÇO

SOBREVIVENTE

Teatro Firjan SESI Centro

Até 6/2, às terças e quartas (19h)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

A burguesia é ridícula

Uma reflexão bem-humorada de uma família de artistas sobre as fórmulas de felicidade, sejam elas encontradas em farmácias, shoppings ou roteiros de viagens. Esse é o argumento de “Felicidade à Venda”, um espetáculo irônico e provocativo da família Dacosta. No palco estão Alexandre Dacosta, Dora de Assis e Lucília de Assis, pai, filha e mãe também na vida real. Uma debochada reflexão em família sobre os conceitos de sucesso, satisfação e bem-estar. dirigida por Natasha Corbelino, até domingo (4), no Centro Cultural da Justiça Federal.

Julia Morais/Divulgação



Divulgação

A volta do Tuca

Em 1967, um grupo de jovens desafiou os anos de chumbo, com o Tuca - Teatro Universitário Carioca. Com Amir Haddad e música original de Sérgio Ricardo, aqueles atores, com idade em torno de 75 anos, voltam a provocar. Desta vez, desafiando o preconceito contra os idosos, o grupo faz temporada com o espetáculo “Re-Acordar”, às quartas-feiras, no Centro Cultural da Justiça Federal. O espetáculo conta a história de integrantes desde 1966, até hoje, falando da ditadura, prisão, exílio, viver no Brasil. O musical é como um rio que atravessa essas vivências.



Divulgação

Aulão do Bem

Neste sábado (3) o Aulão do Bem celebra um ano com três aulas na Âmbar, escola de dança da Ana Botafogo, madrinha do projeto e presença na comemoração. As aulas serão ministradas pelas professoras Cláudia Freitas e Mirian Moll, e contam com inscrições de bailarinos de diversas regiões do Rio e de outros estados do Brasil. O Aulão do Bem é um movimento que une pessoas pessoas para estudar dança, independentemente da idade ou do físico, e tem atraído também adultos de todas as idades. Mais informações no Instagram @balletaos60.

Divulgação



Minha Irmã e Eu

Por Rodrigo Fonseca | Especial para o Correio da Manhã

Depois de “Barbie” ter oferecido ao humor um sopro de revitalização, numa linha sociológica e comportamental, parece que a graça voltou a encontrar seu lugar no mercado audiovisual para tela grande. Orçado em US\$ 25 milhões, apoiado numa receita de doçura nada moralista, “Todos Menos Você” (“Anyone But You”), de Will Gluck, faturou cerca de US\$ 125 milhões.

O belo enredo que tem rouba risos e suspiros de plateias de boa parte do planisfério cinéfilo, ao narrar a farsa armada entre uma ex-estudante de Direito, Bea (Sydney Sweeney), e um financista, Bem (um brilhante Glen Powell). Eles se conhecem numa cafeteria, fletam, passam uma noite juntos, mas, pela manhã, ela sai de fininho, deixando o rapaz com uma péssima impressão. Arrependida, ela volta à casa dele, mas acaba ouvindo o sujeito defini-la como “só mais um contratinho”. Nasce ali um repúdio mútuo que se acentua quando os dois se esbarram na preparação para um casamento. A irmã dela vai se casar com a melhor amiga dele. Todos querem vê-los juntinhos. A fim de sossego, a dupla finge ser um casal em formação, num processo que convida a um beijo à vera – e rende muita piada boa.

A arrecadação mastodôntica do

novo longa-metragem do realizador de “A Mentira” (2010) e de “Amizade Colorida” (2011) prova que, no circuito exibidor, a comédia ainda pode ser a maior diversão. Tatá Werneck e Ingrid Guimarães já haviam sinalizado isso na virada do ano.

Dirigida por Susana Garcia, a Midas por trás de “Minha Mãe É Uma Peça 3” (2019), o hilário “Minha Irmã e Eu” vai chegar à marca de dois milhões de ingressos vendidos num estalar de dedos.

Da pandemia até hoje, ou seja, desde o lockdown inicial de março de 2020, essa saga fraterna é o título brasileiro de maior arrecadação em circuito, tendo o metafísico “Nosso Lar 2 – Os Mensageiros” como seu principal rival.

São filmes atentos aos pleitos da correção política e das lutas pela equidade dos novos tempos (e dos velhos também), mas não desgrudam de um receituário tes-

O cinema reaprende a sorrir

Fenômeno brasileiro ‘Minha Irmã e Eu’ e êxito hollywoodiano de ‘Todos Menos Você’ dão um novo fôlego ao gênero da comédia, seja ela de viés romântico ou seja no estilo neochanchada

Divulgação



Os Farofeiros 2

tado (e aprovado) no qual rir é o melhor remédio. Desde os curtas de Charles Chaplin (1889-1977), a indústria sabe que uma boa gargalhada pode fidelizar pagantes e gerar faturamentos altos. No Brasil, apesar de um hiato provocado pela coronavírus, tramas cômicas sempre lotaram salas. Na França, também, vide os 20 milhões de pagantes contabilizados por “Intocáveis” (2011) e por “A Riviera Não É Aqui” (2008). Mas Hollywood não colheu boas safras financeiras na seara do sorriso do início da década passada para cá. “Todos Menos Você” é uma baita (e bela) exceção, da mesma forma que o já citado “Barbe”, de Greta Gerwig, hoje um dos títulos mais cotados

ao Oscar de 2024, a ser entregue no dia 10 de março.

Sim, o filme de ficção sobre a boneca mais famosa da História é uma comédia e contabilizou US\$ 1,4 bilhão. Porém, sua realizadora, Greta, fez o filme para higienizar Hollywood dos vícios sexistas de outrora, notabilizando-se mais como um tratado contra violências de gênero, num pleito avesso à cultura machista, do que como narrativa de Kkkkk ou Hehehe convencionais. É um modo de rir mais atento, reflexivo, assumidamente politizado e necessário. Já “Todos Menos Você” tem muitos desses atributos, mas conversa com códigos de outrora, e muito bem. Códigos há tempos vencidos.

Antes de que você, leitora ou leitor, fale do cultuado “Se Beber, Não Case” - que custou US\$ 35 milhões, faturou US\$ 469 milhões e ainda papou o Globo de Ouro de Melhor Filme Cômico -, tenha cuidado em sua afirmação. O longa-metragem que consagrou o diretor Todd Phillips é de 2009, e suas duas continuações, menos notáveis, de 2011 e 2013. Ou seja, a última vez em que um estúdio hollywoodiano viu uma trama cômica driblar a concorrência dos blockbusters de super-heróis, de animações Pixar e de aventuras à la “Transformers” ou “Top Gun: Maverick” foi em 2012, quando “Ted”, de Seth Macfarlane, que custou US\$ 50 milhões, faturou US\$ 549 milhões pelo mundo afora.

Divulgação



Todos Menos Você

Divulgação



L'Amour Ouf

Fora isso, afogada no politicamente correto, a comédia americana naufragou. Os milhões que o gênero registrava nos anos 1980, sendo picante (“A Última Festa de Solteiro”) ou abilolado (“Corra Que a Polícia Vem Aí!”), e nos anos 1990, com grifes estelares (caso de Jim Carrey, em “Débi & Lóide” ou “O Mentiroso”) ou com debates comportamentais (caso de “American Pie”), sumiram. Houve alguma migração para as séries de TV e para o streaming, vide o genial “Não Olhe Para Cima” (2021), que tinha Jennifer Lawrence ao lado de Leonardo Di Caprio, mas sem a mesma repercussão.

Em 1998, um ator de TV, conhecido pelo humorístico “Satur-

day Night Live”, Adam Sandler, deu um pontapé em seus concorrentes de prestígio (Carrey e Robin Williams) e emplacou um sucesso inesperado: “O Rei da Água”. Dali pra diante, tudo o que ele fez entre 1999 (“O Paizão”) e 2011 (“Esposa de Mentirinha”) explodiu no gosto popular e passou da marca de US\$ 100 milhões na arrecadação. Até uma obra-prima adorada pela crítica ele emplacou: “Como Se Fosse A Primeira Vez” (2004). Mas com a recepção áspera a “Cada Um Tem a Gêmea Que Merece”, lançada aqui no carnaval de 2012, Sandler percebeu que era hora de mudar. Sai do cinema e passou a ser um astro exclusivo da Netflix. No streaming, ele ampliou sua força com títulos

Fabio Bouzas/Divulgação



Mallandro - O Errado Que Deu Certo

como “O Halloween do Hub” (2020) e “Mistério no Mediterrâneo” (2019), este com a estrela da gargalhada Jennifer Aniston. Até um cult (sério) ele protagonizou: “Jóias Brutas”, em 2019. Mas o êxito contínuo de Sandler já não inclui as salas exibidora, embora este ano ele vá à Berlimale com “Spaceman” – um drama.

Como Sandler, Ben Stiller, que levou multidões ao circuito com “Entrando Numa Fria” (2000-2010) e “Quem Vai Ficar Com Mary” (1998), também migrou pra plataformas. “Missão Madrinha de Casamento” (2011) foi uma comédia milionária, que chegou a disputar estatuetas do Oscar. Fez de Melissa McCarthy uma estrela.

Mas nem ela consegue formar filas na porta dos cinemas pra ver uma narrativa engraçada.

Tem comédia padrão biscoito fino, de paladar agridoce, sendo (bem) feita ainda nos EUA. “Os Rejeitados” (“The Holdovers”), de Alexander Payne, é uma delas. Deve render um Oscar de Melhor Ator para Paul Giamatti. Mas não se trata de uma trama para arrebatrar fortunas. Projetos com esse potencial hoje são raros nos Estados Unidos.

Há uma razão histórica para essa mudança comportamental. Historicamente, toda a vez que o mundo entra num conflito bélico coletivo, como a I e a II Guerra, a comédia sobe. A carreira de um gênio como Frank Capra (1897-1991) foi fruto desse estado de coisas, em que a risada serve de analgésico ao temor. “A Felicidade Não Se Compra”, lançada por Capra em 1946 cresceu no imaginário cinéfilo mundial no pós-guerra, como refluxo dos horrores da batalha contra Hitler, evocando a necessidade de um filme de celebração do amor familiar. Mas hoje, mesmo com o horror do conflito Israel x Palestina e a Guerra da Ucrânia, o assombro do planeta passa pelas vias econômicas, por colapsos financeiros que alimentam a presença de políticos conservadores no Poder. Em tempos assim, como se viu, por exemplo, no crack da Bolsa de 1922, a comédia cai e os filmes de monstro e os suspenses noir (pautados na ambiguidade moral) crescem. É o que vivemos hoje em Hollywood. É contra esse percalço da História que “Todos Menos Você” Está enfrentando.

Na França, que adora comédias, a aposta do ano é “L'Amour Ouf”, de Gilles Lellouche, ator e diretor campeão de bilheteria. Ele regressa ao circuito narrando os percalços de um casal formado por Adèle Exarchopoulos e François Civil. Estreia em outubro. “L'Empire”, que valeu a Bruno Dumont uma indicação ao Urso de Ouro da Berlimale 2024 (15 a 25 de fevereiro) pode ser uma surpresa para os exibidores também. É uma paródia de “Star Wars”. O engraçadíssimo

Fabrice Luchini está em seu elenco.

No Brasil de “Minha Irmã e Eu”, a partir do êxito de “Se Eu Fosse Você”, que vendeu 3,6 milhões de ingressos em 2005, a comédia encontrou espaço nobre nas telonas, inventando até um subgênero pra si, a neochanchada, caracterizada por seu humor escancarado, sem sutileza, graficamente explícito nas piadas, ao analisar as peripécias das classes C e D que emergiram na primeira Era Lula. Uma série de fenômenos, como “Até Que a Sorte Nos Separe” (2012-2015) ou “De Pernas Pro Ar” (2010-2019), consagraram novas fórmulas do riso. Em 2013, Paulo Gustavo (1978-2021) foi responsável por uma revolução nos cinemas, desafiando tabus do conservadorismo nacional, ao aparecer vestido de mulher à frente da franquía “Minha Mãe É Uma Peça”. O primeiro rendeu 4.582.788 tíquetes. O segundo foi visto por 9.307.612 pagantes. O terceiro, citado no início deste texto, superou todas as expectativas dos analistas de mercado e somou 11.608.254 espectadores.

Mas aí veio a pandemia e, desde que os cinemas reabriram, além de “Minha Irmã e Eu”, só duas comédias fizeram sucesso à altura do esperado: “Tô Ryca! 2” (2022), com Samantha Schmütz, e “Desapega! O Filme”, com Maisa e Glória Pires. Nos streamings, as parcerias do roteirista Paulo Cursino com o diretor Roberto Santucci e o ator Leandro Hassum, tipo “Tudo Bem no Natal Que Vem”, segue brilhando, vide “Meu Cunhado É Um Vampiro”. Aliás, Cursino e Santucci voltam este ano com “Os Faróis 2”, em março. No mesmo mês, “Férias Trocadas” - com Edmilson Filho, Carol Castro e Aline Campos - pode bombar também e inflar as poltronas de pagantes, assim como “Evidências de Amor”, com Fábio Porchat e Sandy. Espere-se que “Mallandro: O Errado Que Deu Certo”, agendado para maio, abra a porta dos desesperados por milhões e devolva ao nosso cinema o gostinho de destronar Hollywood, à força do carisma de Sérgio Mallandro.

Que boas gargalhadas oxigenem o cinema daqui até dezembro.

'Konvoy', longa escandinavo sobre a II Guerra, ganha consagração no evento holandês

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Existe um rol de festivais classe AA no cinema - incluindo os de Berlim, Cannes, Locarno, San Sebastián e Veneza - que abre suas atividades, ano após ano, desde 1972, via Holanda, a cada nova edição de Roterdã, que, neste arranque de 2024, reverenciou o Brasil com nove filmes de CEPs nacionais. Foi lá que nasceu o fenômeno "O Som Ao Redor", de Kleber Mendonça Filho, há 12 anos.

Nesta reta final, pouco antes de seu encerramento, no domingo, a 53ª edição do evento valoriza uma produção escandinava de tons políticos sobre a II Guerra: o norueguês "Konvoi", de Henrik Martin Dahlsbakken. O longa virou uma sensação em suas projeções em telas

'A Paixão Segundo G.H., de Luiz Fernando Carvalho, derrama seu lirismo na Holanda

Depois de uma avassaladora passagem pelo Festival do Rio e pela Mostra de São Paulo, "A Paixão Segundo GH", o novo longa-metragem de Luiz Fernando Carvalho, derrama seu lirismo sobre a Holanda, numa passagem por Roterdã. É a volta do mais ousado diretor de TV do Brasil ao cinema, cerca de 23 anos depois do cult "Lavouira Arcaica" (2001).

Numa atuação radical, porém, muito afetiva, Maria Fernanda Cândido brinda o cinema nacional

Maré pop em Roterdã



Divulgação

'Konvoi' é um épico norueguês ambientado num navio em tempos de guerra

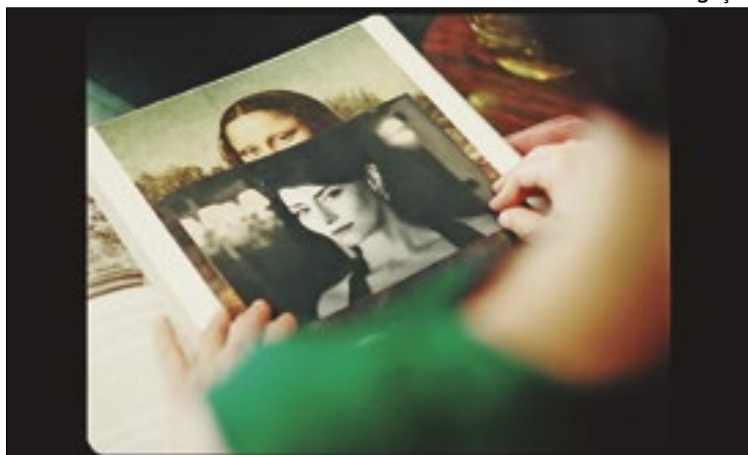
holandesas e tem mais uma exibição nesta sexta-feira.

Dahlsbakken retrocede no tempo e no espaço até 1942, quando a Alemanha invade a União Soviética. Naquele momento, os Aliados ficaram com a

responsabilidade de enviar armas para ajudar na luta. Uma espécie de comboio ártico de navios é enviado para combate, mas ele não está equipado para a batalha. Apesar disso, uma escolta protege as embarcações de ataques aéreos.

De repente, é dada uma ordem de dispersão. Porém, um navio da Noruega, ciente de seus deveres éticos, decide continuar no mar, em sua missão, mesmo correndo risco. Desse enredo nasce um candidato a cult.

Lavoura aberta para Clarice Lispector



Divulgação

Maria Fernanda arrebatava espectadores no longa

com seu talento e carisma numa atuação em que reage, com suavidade de gestos, ao texto de Clarice

Lispector (1920-1977), publicado em 1964.

A trama esbanja existencialis-

mo: Depois de despedir a empregada, G.H. inicia uma faxina no quarto de serviço e vê uma barata. Enojada do inseto, ela decide esmagá-lo. Nesse gesto, diante da massa pastosa e branca da barata morta, ela embarca num processo de desmontagem de sua condição humana.

Em outubro, durante a Première Brasil do Festival do Rio, Luiz Fernando escreveu um pequeno ensaio sobre sua relação com Clarice, pedido do Correio da Manhã. No texto original, ele diz: "Por que filmar GH? Talvez a maturidade esteja exigindo falar menos de mim e mais do outro. A igualdade

Houve lugar para o pop no evento, como comprovam os elogios a "Blackout", de Larry Fessenden, que é um thriller de horror. Em seu roteiro, o pintor Charley (Alex Hurt) regressa à sua cidade natal carregando consigo uma maldição: a licantria. Em noites de lua cheia, ele se transforma em lobisomem.

O fator pop de Roterdã se faz notar ainda na boa acolhida ao filme de ação "Steppenwolf", de Adilkhan Yerzhanov. E um thriller padrão "John Wick", com CEP no Cazaquistão, ressalta a evolução do diretor de "A Doce Indiferença do Mundo" (2018), num desafio às leis da gravidade. Carregado de elementos da obra-prima "Rastros de ódio" (1956), o longa assume como seu John Wayne um criminoso que se faz passar por policial (papel do genial Berik Aitzhanov) que, em meio a uma guerra civil, ajuda uma mulher incapaz de falar (Anna Starchenko) a encontrar seu filho. A angústia dela é salvar o menino de traficantes de órgãos. Já ele só quer se aproveitar da situação para lucrar. Pelo menos até a consciência social derrubá-lo, numa rasteira ética. As sequências de tiroteio e de luta são de mesmerizar olhos.

reivindica suas diferenças mais subjetivas. Só essa será uma entrega real ao outro, avistando aquele que é diametralmente oposto a você, seja em gênero, classe social, raça, religião, espécie e por aí vai... Para que eu filme uma mulher não é apenas preciso, como dizem por aí, acessar meu lado feminino. É preciso muito mais. É preciso me oferecer ao impossível de realizá-lo. A consciência da impossibilidade na mediação com o feminino me arrasta até o centro de G.H., ou de Clarice - como preferirem. G.H. é o feminino em sua potência máxima, libertadora. Diria mesmo revolucionária. Ela nos ensina que há um limite, sim. Mas é necessário ir além do cosmo-política do homem ocidental. O aqui e agora. O ser é um desaparecimento. G.H., ao decidir arrumar sua própria casa começando pelo quarto da empregada, termina por desarrumar-se". (R. F.)

CRÍTICA / FILME / DIAS PERFEITOS

Divulgação



Hirayama é um zelador vivido nas raias do esplendor por Koji Yakusho

Tão longe do clichê e tão perto da excelência

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Escrito em três semanas a partir da encomenda de um projeto documental sobre os banheiros públicos do Japão, “Dias Perfeitos” rompeu com a demanda da não ficção e nasceu filme em forma de drama, roda-

do em 17 dias. No próximo dia 7, o longa-metragem nipônico chega às telas dos EUA a fim de expandir sua luta pelo Oscar de Melhor Filme Internacional. Sua bilheteria até agora beira uma cifra estimada em US\$ 13 milhões, o que dá a ele impacto comercial na caça ao prêmio, por ser tratar de um valor de respeito por exibidores. É um valor que reacende

a estrela de boa sorte de seu realizador, o alemão Wim Wenders, no céu de Hollywood. Na década passada, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas hollywoodiana acolheu seu nome entre seus concorrentes pelos cults “Pina” (2011) e “O Sal da Terra” (2014), feito em duo com Juliano Ribeiro Salgado. Wenders agora volta com um filme cujo CEP é

japonês, fincado a uma genealogia que o cineasta germânico de 78 anos aprendeu a conhecer a partir de sua cinefilia.

Radiante do primeiro ao último fotograma, “Dias Perfeitos” bate cabeça para o titã Yasujiro Ozu (1903-1963), diretor de joias como “Também Fomos Felizes” (1951),

“Dia de Outono” (1960) e

“A Rotina Tem Seu Encanto” (1962). Em sua formação de olhar, em paralelo a seu trabalho como fotógrafo, Wenders refestelou-se nos filmes dele. A fim de prestar tributo a ele, rodou “Tokyo-Ga”, um poema documental de 1985, que é uma espécie de retrato fantasma a circundar as franjas delicadas de seus “Dias Perfeitos”. É um espectro que ronda o olhar de Wenders não como assombração, mas, sim, como se fosse um alumbramento, pois se dá uma espécie de simbiose entre dois filmes.

Cada um com seu modo de ser cinema, eles traduzem momentos distintos de Wenders

pelo país que ajudou a formar seu imaginário. Com Ozu, ele aprendeu a cultivar a serenidade do dia a dia. É esse o princípio que rege o cotidiano de Hirayama, um zelador vivido nas raias do esplendor por Koji Yakusho. Não se trata de um princípio de inércia. É o princípio da contemplação. O que se dá em cena é um rito contemplativo dos momentos que abrem mão de viradas bruscas.

Ele vem da mesma paisagem humana dos filmes de Ozu. Filmas para os quais “Tokyo-Ga” olha de modo melancólico, como se algo defunto de outrora estivesse a agrilhoar seu entendimento do cinema naquilo que o semiólogo Roland Barthes chamava de “foi aí”, ou seja, o partícipio da construção artística, um resquício pretérito. Mas a mirada que guia “Perfect Days” (o título original do longa de Wenders) é o gerúndio, ou seja, um tempo de fricção.

Depois de uma longa fase documental, iniciada com o fenômeno “Buena Vista Social Club”, em 1999, Wenders volta lépido às telas, fazendo ficção, agarrado à poesia numa vertente heraclitiana ciente de que não se pode, jamais, molhar-se nas mesmas águas ao visitar um mesmo rio, pois tudo muda. Acompanhamos, em sua trama, a vida de Hirayama, um limpador de latrinas. O papel deu a Koji o prêmio de Melhor Ator de Cannes.

Seguimos essa figura a partir da informação sentimental de que ele ama o rock’n’roll raz, degustando o ritmo em fitas K-7. Gosta também de ler. Ponto. Sua vida é isso: é se abrir à melodia e às palavras. Situações sutis com colegas de trabalho e múltiplas reminiscências de seu passado vão cruzar seu caminho, mas não vão abalar a harmonia que ele criou. Harmonia que a edição de Toni Froschhammer absorve numa acolhedora montagem, capaz de valorizar a luz apolínea da fotografia de Franz Lustig. É um filme que nos leva ao deleite das simplicidades e dos abismos que nos aferram a incertezas. É um Wenders sublime.

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Alessandro e Frederico

Divulgação



Porto do Sabor

Fabio Rossi/Divulgação



Páreo

Por Natasha Sobrinho
 (@restaurants_to_love)
 Especial para o Correio da Manhã

Quanto mais *leve e criativa* melhor!

Veja um roteiro de saladas
 refrescantes, perfeitas para os
 dias mais quentes do ano

Ligia Skowronski/Divulgação



Gula Gula

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Talho Capixaba

Divulgação



Café Cardin

Divulgação



Arab

Divulgação



Teva

Foi-se o tempo em que, quando se falava em salada, a gente só pensava naquela clássica combinação de alface com tomate. Sem sustança e sem muita originalidade. Com as altas temperaturas do verão carioca, só dá vontade de se alimentar com pratos leves e refrescantes. Pensando nisso, o Correio da Manhã fez um roteiro com oito saladas criativas, saborosas e saudáveis para você não passar aperto na hora de escolher sua refeição no calorão do Rio de Janeiro. Confira abaixo:

Alessandro e Frederico – No restaurante de culinária italiana o comensal pode encontrar no cardápio a Salada De Frutos Do Mar do Mercado (R\$ 79). Ela leva camarão, polvo, lula, manga, shitake no azeite mediterrâneo. Rua Garcia D'ávila, 151 – Ipanema. Tel: (21) 2522-6025.

Arab - O restaurante da chef Vivian Arab está com uma variedade de novas saladas para o verão. Entre as opções estão: a Jardim do Éden (R\$ 45) com falafel, folha de uvas vegetariana, salada fattoutch, cenoura e queijo fetta ralados, molho de tahine, regado ao molho cítrico caseiro. A Salada Shawarma (R\$ 45) com lascas de carne bovina grelhada com especiarias, salada fattoutch, cenoura e queijo fetta ralados, molho cítrico caseiro e o pão pita torrado da casa. A Primavera Arab (R\$ 45 - foto) com abobrinha, berinjela, pimentão vermelho e amarelo, alho poró, nozes, passas, couve flor grelhada, salada fattoutch, cenoura e queijo fetta ralados,

regados ao molho cítrico caseiro. E a Salada de Salmão (R\$ 72) com salmão grelhado ao molho de uvas rubi, salada fattoutch, cenoura e queijo fetta ralados, regados ao molho cítrico caseiro. Av. Ataulfo de Paiva, 1060 - Leblon. Tel: (21) 2235-6698.

Café Cardin – A casa conta com oito opções de saladas em seu cardápio. Entre elas estão: a Salada Fre-

sh, com presunto cru, queijo brie, manga, milho, palmito, tomate-cereja e mix de folhas (R\$43); a Salada Quinoa, com quinoa, shitake, amêndoas filetadas, tomate-cereja, abobrinha italiana, cebola e alho refogado no azeite e minibrotos (R\$ 40) e a Salada Boursin, com queijo de cabra, presunto cru, tomate-cereja, folhas e torradas (R\$ 47). Rua Constante Ramos, 44 – Copacabana. Tel: (21) 96703-5262.

Gula Gula – A casa está com novidades no cardápio, criadas especialmente para o verão. Seguindo o estilo de vida carioca e a atmosfera da estação, as novidades são leves, refrescantes e coloridas. Entre as sugestões está a Salada Grega (R\$ 59), que leva alface romana com melancia e melão, queijo de cabra, mix de tomatinhos, broto de beterraba, crocante de pão australiano e molho de azeitonas. Avenida Alexan-

dre Ferreira, 220, Loja A - Jardim Botânico. Tel: (21) 98861-0781

Páreo - É possível almoçar e jantar apreciando a Pedra da Gávea, O Cristo e o Morro Dois Irmãos, além da pista do Jockey Club. No vasto cardápio da casa, saladas refrescantes como a de Peito de Pato Curado (R\$ 59) com salada exótica de manga e castanha de caju. Rua Mário Ribeiro, 410 - Leblon - Sede Jockey Club Rio de Janeiro. Tel: (21) 2540-9017 / 99843-8813.

Porto do Sabor - Para celebrar a chegada do Verão, a marca de produtos saudáveis cria pratos especialmente para a estação. Entre as opções prontas de saladas estão: a Salada Tropical com mix de folhas, cenoura, pickles cebola, tomate, blanquet e manga (R\$ 18,90), a Salada Marroquina com mix de folhas, cuscuz, pepino, pickles cebola, tomate, cenoura, abacate e molho pesto (R\$ 21,90 - foto) e a Salada Italiana, com penne, rúcula, cenoura, tomate cereja, lascas de parmesão, milho (R\$ 19,90). Vogue Square - Av. das Américas, 8585 - LOJA 116 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 96920-4953.

Talho Capixaba - Nas unidades da rede não faltam opções mais leves e refrescantes, como a Salada Grega (R\$ 51), feita com pepino, tomate, cebola roxa, queijo feta, e azeitona preta. Acompanhada de pão artesanal. Ipanema: Rua Barão da Torre, 354. Tel: (21) 3037-8638 / 99025-2033.

Teva - O restaurante 100% vegetal em Ipanema, comandado pelo chef Daniel Biron, está com novidades no menu que são a cara do verão. A começar pelas criativas saladas: a de abacaxi thai (R\$ 56), ela vem com abacaxi grelhado, bifum, repolho roxo, pepino, coentro, hortelã, vinagrete de capim-limão, cebolinha e amendoim Coopernatural e a Panzanella (R\$ 52), com tomates cereja e seco Vale do Formoso, rúcula, manjeriço, croutons de pão italiano Sítio do Moinho e parmesão. Avenida Henrique Dumont 110B - Ipanema. Tel: (21) 3253-1355.